

"COMPETÊNCIA DO ARQUIVISTA SEGUNDO O CURSO"

Santos, Jackson Guterres dos
jacksonguterres@gmail.com

ENSAIO SUCINTO SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ARQUIVISTA

No meu olhar, a competência do arquivista, segundo o curso superior em Arquivologia pode ser inferida, sucintamente, na seguinte descrição que foi elaborada para ser compartilhada no evento anual "Portas Abertas", dia em que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, abre suas portas à comunidade para difusão de seus cursos:

O Arquivista atua na gestão de sistemas de informação arquivística. Faz parte de sua função, classificar, ordenar, avaliar, arranjar, descrever e difundir a informação orgânica de documentos de arquivos. É o profissional capacitado a planejar, implantar, administrar e avaliar redes, serviços de informação, bem como de programas de informatização de arquivos, centros de documentação e serviços voltados ao tratamento de informações arquivística em suportes especiais e especializados. Desenvolve também serviços voltados a solução de problemas e ao aperfeiçoamento da infraestrutura de informações e documentação de instituições públicas e privadas, ONG's e entidades da sociedade civil.

[FONTE: Conceito elaborado para apresentação do Curso de Arquivologia - FABICO/UFRGS Portas Abertas 2009]

Cabe fazer um paralelo com o que preceitua a Declaração Universal sobre os Arquivos e o papel dos arquivistas:

Arquivos registram decisões, ações e memórias. Arquivos são um patrimônio [patrimônio] único e insubstituível transmitido de uma geração a outra. Documentos de arquivo são geridos desde a criação para preservar seu valor e significado. Arquivos são fontes confiáveis de informação para ações administrativas responsáveis e transparentes. Desempenham um papel essencial no desenvolvimento das sociedades ao contribuir para a constituição e salvaguarda da memória individual e coletiva. O livre acesso aos arquivos enriquece o conhecimento sobre a sociedade humana, promove a democracia, protege os direitos dos cidadãos e aumenta a qualidade de vida.

(...)

o papel dos arquivistas, profissionais qualificados, com formação apropriada e contínua, que servem as suas sociedades, apoiando a produção, seleção e conservação dos documentos, e os tornam disponíveis para uso;

[Declaração Universal sobre os Arquivos, ICA, 2010 – grifo original]

No meu olhar, os cursos superiores de Arquivologia focam-se, primordialmente, na capacitação do Arquivista para ser um especialista em uma metodologia de gestão de arquivos e no conhecimento do arcabouço legislativo (leis), recomendações e normas do CONARQ/Arquivo Nacional, dando especial realce à Arquivologia Clássica do como fazer, corroborando a tese de reduzir a arquivística a uma metologia tecnicista. Mas os tempos mudaram está mudando

também o modo como os registros das atividades humanas são realizados, hoje por excelência em meio digital, dada a crescente virtualização documental, vide a implantação do Processo Eletrônico na Justiça do Trabalho (Pje-JT).

Penso que soou a hora de repensar todo o curso e grades curriculares para os novos ventos de mudança que têm vindo da arquivística americana, que contempla uma Arquivologia mais socializante e apta para a tese da interpretação social, proposta por Cook (2010).

Os cursos de Arquivologia deveriam sintonizar-se mais com o mercado para ver as novas exigências e novos campos que o mercado está abrindo para o arquivista, na sua arte de dialogar com seus pares da Tecnologia da Informação – TI, e, talvez abarcar não só a Gestão Documental, mas também a Gestão do Conhecimento, bem como a gestão dos modelos de requisitos de sistemas de gestão documental, gestão e preservação e e-mails, uso das redes sociais para finalidades de difusão e marketing de arquivos.

Na busca de uma melhoria constante e de uma adequação da grade curricular dos cursos para as novas realidades da preservação digital, por exemplo, uma reflexão teórica sobre os novos enfoques da arquivologia, apresentada pelo renomado arquivista americano, me parece muito oportuna, onde o arquivista é visto como um intérprete ou mediador entre os acervos (fundos) e os usuários, contemplando melhor o que Jimerson chamou de “O poder dos Arquivos”:

As 3 metáforas da Arquivologia – propostas por Jimerson:

Ao invés de esconder o nosso poder no reino da memória, da história e do passado, espero que os arquivistas abracem o poder dos arquivos e use-no para o bem da humanidade. Antes de analisarmos as respostas a este desafio de usar o poder dos arquivos, precisamos entender algumas de suas manifestações. Há três aspectos essenciais do poder dos arquivos, refletidos nas metáforas abaixo:

- O TEMPLO: autoridade e controle sobre a memória (coletiva) social;
- A PRISÃO: o controle sobre a preservação e segurança dos documentos de arquivos;
- O RESTAURANTE: o papel do arquivista como intérprete e mediador entre os documentos e os usuários.”

(JIMERSON, 2008. *Archives for All: The Importance of Archives in Society*)

Certamente que a competência do arquivista, segundo os cursos superiores de Arquivologia, passa pelo conhecimento imprescindível da metodologia arquivística, mas por que não abrimos mais espaços nos cursos para a pesquisa acadêmica a fim de explorar as novas tendências emergentes? Uma destas tendências emergentes foi apresentada pelo iminente arquivista, Terry Cook, num Congresso de Arquivologia e Memória, realizado em 8/12/2010, na Universidade de Dundee, com o apoio da Real Sociedade de Edimburgo, na Escócia. Ele propôs um novo paradigma para a arquivologia o da interpretação social, ou seja, que deveria contemplar a memória, a identidade e comunidade.

A competência do arquivista, segundo os cursos superiores, no meu olhar

deixa um pouco a desejar, por que a academia, tradicionalmente, não está aberta aos novos ventos das mudanças pragmáticas. Com o objetivo de melhorar a formação do arquivista, seria oportuno começar a criar espaços para contemplar as novas tendências. Um dos caminhos alternativos seria a via da pesquisa acadêmica. Desse modo, teremos uma formação do arquivista aprimorada pela máxima de uma preparação que prime pela competência “em curso”, ou seja, seguindo o curso das novas exigências do mercado.

Na era da conectividade e de uma crescente virtualização documental, o profissional arquivista, precisa de uma reciclagem de conceitos e teorias. Ele precisa ser melhor preparado como um cientista da informação, ou seja, alguém com vocação de ser o mediador entre a instituição e o público usuário, incluindo aproximar os arquivos da telinha da mente da nova geração. E para que isso aconteça o arquivista tem que ter competências e habilidade para falar a mesma linguagem que os jovens estão falando, e, usar os mesmos recursos tecnológicos, utilizando as redes sociais, Facebook, Twitter e blogs para manter contas institucionais.

Se o profissional arquivista não tiver esse aporte de competência profissional, mais sintonizada com as demandas informacionais dos cidadãos, em sua formação acadêmica, ele poderá ficar sem emprego e despreparado para enfrentar os novos desafios do Terceiro Milênio, além de não ter a competência nem a habilidade de ser um mediador pontífice, construindo pontes para aproximar a instituição de arquivo à nova geração de usuários em potencial.

REFERÊNCIAS

ICA. International Council of Archives. **Declaração Universal sobre os Arquivos**. Disponível em: < www.ica.org/download.php?id=1484 > . Acesso em 15 jul. 2013.

JIMERSON, Randall C. **Archives Power: Memory, Accountability and Social Justice**. Society of American Archivists, SAA, 2009.

JIMERSON, Randall. **Archives for All: The Importance of Archives in Society**
Disponível em: <<http://www.aag.org.br/anaisxvcba/conteudo/resumos/plenaria1/randalljimerson.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2013.

COOK, Terry. Congresso: **Memory, Identity and the Archival Paradigm: an interdisciplinary approach** Em sua palestra: *Shifting the archival paradigm for memory, identity and community*, em 8.12.2010.